A photograph of two women standing against a plain, light-colored background. They are both wearing white, sleeveless dresses. They are holding up a large, sheer, light-colored fabric with intricate lace patterns, which partially obscures their faces and bodies. The woman on the left has dark, curly hair, and the woman on the right has dark hair styled in braids. The lighting is soft and even.

Ensino-aprendizagem da renda renascença como processo de inclusão socioeconômica em Poção-PE

*Renaissance lace as an expression
of fashion and culture for social
inclusion in the Brazilian northeast*

Suzana Ferreira Paulino¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9488-8455>

[**resumo**] O presente artigo apresenta o percurso sócio-histórico da renda renascença e a sua relevância econômico-cultural para a inclusão social na cidade de Poção-PE, no nordeste brasileiro. Abordou-se o processo de ensino-aprendizagem e elaboração da renda renascença, a exclusividade do trabalho e o papel social que ela desempenha no desenvolvimento local e empoderamento socioeconômico das rendeiras. A pesquisa foi bibliográfica e exploratória. A renascença fortalece a integração social e as políticas públicas em prol dos processos de organização e gestão social, bem como inclusão produtiva e comercial das rendeiras. Reconhecer o papel da renda renascença como geradora de renda e o papel da mulher como promotora desse processo é reconhecer a identidade cultural e promover o fortalecimento identitário dos sujeitos sociais locais para a superação da pobreza.

[**palavras-chave**] **Processo de ensino-aprendizagem. Renda Renascença. Inclusão socioeconômica.**

[**abstract**] This paper presents the socio-historical path of renaissance lace and its economic-cultural relevance for social inclusion in the city of Poção -PE, in northeastern Brazil. The process of teaching-learning and elaboration of renaissance lace, the exclusivity of work and the social role it plays in local development and socioeconomic empowerment of lacemakers were discussed. The research was bibliographical and exploratory. The renaissance strengthens social integration and public policies in favor of social organization and management processes, as well as the productive and commercial inclusion of lacemakers. Recognizing the role of renaissance lace as a generator of income and the role of women as a promoter of this process is to recognize cultural identity and promote the strengthening of identity of local social participants in order to overcome poverty.

[**keywords**] Teaching-learning process. Renaissance lace. Socioeconomic inclusion.

Recebido em: 25-08-2021

Aprovado em: 15-09-2021

¹ Doutorado em Letras/Linguística. Universidade Federal Rural de Pernambuco. suzana.paulino@ufrpe.br. <http://lattes.cnpq.br/2393224245460974>.

Introdução

A origem exata da renda é um tema acerca do qual não há consenso. Brievvre [190-] e Jackson (1900) concordam com a dificuldade de se estabelecer um consenso sobre a sua origem. Contudo, Jackson (1900) afirma que a renda é originária das telas ou redes, não do bordado. Por sua vez, para Palisser (1869), a sua origem vem do bordado *richelieu* (*cut-work* em inglês). Segundo a autora, em 1469 já havia referência sobre a renda na Itália; e há uma pintura de Flandres, de 1495, que apresenta uma moça fazendo renda de bilros sobre almofada. Já para Ramos e Ramos (1948), a renda pode ter surgido ao mesmo tempo em diferentes lugares.

As rendas manuais podem ser classificadas em três categorias, de acordo com os diferentes suportes e instrumentos utilizados: bilros, agulhas e as rendas formadas por nós (SILVA, 2013, p.38). Para Brievvre [190-], a denominação de pontos está associada à renda de agulha. No Brasil, de acordo com Girão (1984), os pontos da renda de bilros são denominados também como trocado.

A renda de agulhas é tecida com um único fio e de agulha, construindo o tecido ponto a ponto. A criação da renda de agulhas, grupo no qual se enquadra a renda Renascença, entre os séculos XV e XVI, é reivindicada pela Itália. Por sua vez, a renda de bilros é formada através do entrelaçamento de vários fios ao mesmo tempo, posicionando os bilros em diferentes combinações, formando os pontos. Flandres reivindica a criação da renda de bilros, que utiliza hastes de madeira para condução dos fios e construção da trama, chamadas bilros (WATT, 2000). Também há o grupo das rendas formadas por nós, como o *frivolité*, de origem francesa (SILVA, 2013).

A renda – tecido aberto, d’uma especie particular; a renda não tem cordão nem trama; compõe-se de *pontos* identicos ou diferentes, formados pelo cruzamento de fios, de maneira a produzier um desenho; o *ponto* é um motivo regular cujos contornos são formados pelo fio; este termo só se applica, em geral, á renda de agulha. A renda é pois uma especie de rede aperfeiçoada, bastante complicada e trabalhada; o que torna o trabalho difficil e lhe dá todo o seu valor; é precisamente a execução de *ponto*, que exige uma grande pratica e um conhecimento minucioso das múltiplas combinações d’esta tecelagem especial (BRIEUVRE, [190-], p. 11-12).

Assim, para a referida autora, a consituição de pontos podem ser iguais ou diferentes e o valor da renda está associado à execução desses pontos.

A renda renascença tem indícios de surgimento entre os séculos XV e XVI, com Flandres e Itália reivindicando sua criação. Posteriormente, a Itália, na Ilha de Burano, em Veneza, patenteou o fazer da renda renascença como símbolo artesanal italiano (NÓBREGA, 2005). O nome renascença deve-se ao fato de que as origens dessa técnica remontam ao momento histórico do século XVI, estando diretamente relacionado ao período de sua invenção, o Renascimento (NERY, 2009). Segundo Franco (2016), “daí o nome Renascença, referente àquela época de renovação nos campos das artes e das ciências”.

Devido à beleza, complexidade do processo produtivo e delicadeza do produto final das rendas de agulha, a renda renascença é considerada de alta qualidade. Essa renda é versátil e, embora seja uma renda atemporal, surge como uma forte tendência de moda. Ela é feita através de alguns insumos básicos, o papel vegetal, a linha, a agulha e o lacê². O lacê é a fita que irá sustentar toda a estrutura. Ele possui pequenos furos onde a agulha trabalhará com a linha, que também é uma linha especial, mais firme e resistente. Primeiramente, faz-se o desenho no papel vegetal, em seguida, pesponta-se³ o lacê e, ao final, surge a renda renascença. Com essa técnica é possível criar uma grande variedade de produtos, dentre eles o vestuário infantil, a decoração, o *house wear*⁴, aplicações, bijuterias e as modas masculina e feminina.

A técnica chegou ao nordeste brasileiro através de freiras francesas, da congregação Filhas da Caridade, que viveram no Convento de Santa Teresa, em Olinda, no início do século XX e eram as únicas detentoras conhecedoras da confecção da renda renascença na região (NÓBREGA, 2005). No nordeste brasileiro, a arte de fazer renda renascença é uma prática de construção e transmissão de saberes populares que traz consigo uma importante função social, a sobrevivência de muitas famílias. Ela possui relevâncias cultural, artística e econômica, uma vez que algumas cidades dependem diretamente dessa arte para a sobrevivência do comércio e das famílias.

A renda é uma expressão local dos processos de mudanças da sociedade brasileira e permite a ascensão social de mulheres canavieiras e desempregadas, configurando-se como uma fonte de renda pela apropriação de saberes europeus, introduzidos pela tradição oral, mas também por meio de livros escritos em francês pelas freiras ou senhoras da aristocracia (IPHAN, 2014, p. 5). Além da função socioeconômica, a renda é um dos sinais distintivos da identidade local. Assim, percebeu-se a necessidade de difusão e perpetuação da renda renascença como arte, cultura e economia, uma vez que é um trabalho transmitido por gerações e são poucas as publicações de cunho acadêmico sobre o tema.

Com a renda renascença revela-se a ancestralidade de métodos eficientes para promover inovação, sistematização da sabedoria popular, resgate de conhecimentos populares amparados pela ciência, construção de outro paradigma na educação ~~na educação~~ em design, fortalecendo o uso e o reuso de materiais, tecnologias e técnicas ancestrais, ofertando trabalho digno e qualidade de vida para as pessoas.

Dessa forma, este artigo apresenta a renda renascença como prática de saberes populares de transmissão de cultura com forte presença socioeconômica para as populações da cidade de Poção, no Agreste pernambucano, que depende dela para o desenvolvimento local.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza exploratória. O objetivo geral deste artigo é apresentar a renda renascença como arte e tradição, enaltecendo a sua importância econômica e social para a cidade considerada berço da renda renascença, Poção, localizada em Pernambuco. Foram utilizados dissertações e artigos científicos sobre o tema, bem como o Catálogo Renascença – PE, produzido por Tereza Franco, como referências.

² Fita de algodão utilizada para unir as linhas.

³ O mesmo que alinhar, prender com a linha e agulha o lacê no desenho.

⁴ Objetos de Casa: cama, mesa e banho.

Moda e renda renascença

Moda, do latim, *modus*, que significa modo e que em francês, não somente *mode*, como também *façon* ou *manière*. No dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999, p. 1350), quer dizer “uso, hábito ou estilo geralmente aceito, variável no tempo e resultante de determinado gosto, ideia, capricho, e das interferências do meio”, além disso, acrescenta: uso passageiro que regula a forma de vestir; arte e técnica do vestuário; maneira, modo. O poeta francês Paul Valéry afirmava em seu tempo que “a moda representa o desejo de quem quer ser diferente, embora quem a persiga corre sempre o risco de se tornar igual”.

Por sua vez, Correa (1994 apud CATELLANI, 2003, p. 9) compreende moda como o “processo de incorporação e descarte, que acontece em caráter permanente e transitório, cada vez de maneira mais vertiginosa, de formas, cores, padrões e estilos, numa perspectiva de atualidade, fantasia e idealizações”. Essa conceituação reflete a atualidade, transitoriedade e idealização da moda, contrastando com a perspectiva da Idade Média, por exemplo. Até o final da Idade Média, existia roupa, mas não Moda. Nesse sentido, discorre Treptow (2007, p. 25):

Com a Revolução Comercial, a burguesia enriqueceu e tinha, também, acesso a tecidos trazidos do oriente. Em busca de ascensão social os comerciantes compravam tecidos de nobreza e conseqüentemente (sic) adotavam outra forma de vestir. A classe dos nobres e dos comerciantes ricos tornou-se numerosa. Como se diferenciar de tanta gente? Como se destacar entre os demais da corte? A resposta estava nas roupas, e aqui e acolá começavam a surgir detalhes de vestimenta, que eram copiados muitas vezes por influência do usuário. [...] É a partir desse fenômeno que podemos falar em MODA (TREPTOW, 2007, p. 25).

A moda surge como saída para se diferenciar das demais classes emergentes. Assim, Treptow (2007, p. 26) define a moda como “um fenômeno social de caráter temporário que descreve a aceitação e disseminação de um padrão ou estilo, pelo mercado consumidor, até a sua massificação e conseqüente (sic) obsolescência como diferenciador social”.

Desde o fim da Idade Média, as pessoas buscavam na moda algo que proporcionasse exclusividade. Hoje, a tendência de moda continua sendo a busca por algo único e exclusivo.

Em tempos de *fast-fashion* e clubes de compras coletivas, há um grupo que vem investindo cada vez mais – e com sucesso – na produção artesanal e exclusiva. Em contraponto à sensação de pertencimento que o “ter o que todo mundo tem” proporciona, a onda dos produtos exclusivos vem para valorizar as particularidades de cada pessoa e mostrar que vestir a moda que está em todas as vitrines é legal, mas ter uma coisa só sua pode ser melhor ainda (PRESTES, 2010, p. 01).

Diante do surgimento da globalização e de peças feitas por máquinas, as peças manuais ganham um valor imensurável, não apenas pela beleza, mas também pela garantia de exclusividade. Hoje, são poucos os trabalhos que a máquina não consegue reproduzir, dentre eles podemos citar a renda de bilros, frivolidé e a renda renascença.

A renda renascença, por ser um produto único e exclusivo, contempla essa busca inconstante por uma individualidade. Isso porque, como ela é uma renda toda feita à mão, mesmo que as rendeiras trabalhem em cima do mesmo desenho, as rendas nunca ficam iguais, porque cada rendeira traz consigo a forma de um ponto mais fechado ou mais aberto.

Além disso, como a renda renascença é feita primeiramente no papel vegetal, os produtos conseguem garantir exclusividade desde o desenho. Dessa forma, quando se define um modelo que será feito, a desenhista criará uniões de pontos que enalteça cada modelo de forma diferenciada. Assim, cada desenho e cada peça será uma arte única.

História e arte da Renda Renascença

Segundo Nóbrega (2005), até o desenvolvimento da técnica de renda com agulhas, cortavam-se os espaços de tecido vazios entre os pontos, o que os italianos chamaram de *puntotagliato* e os franceses de *point coupé*, (ponto de corte), originando, posteriormente, a técnica do *richelieu*; retiravam-se alguns fios da trama do tecido, conservando apenas os que serviam para estruturação do motivo, *filitiratie* para os italianos e *filstirés* para os franceses (fios puxados), originando, posteriormente, a técnica do Labirinto ou Crivo.

A criação do ponto no ar, chamado de *punto in aere* pelos italianos, que não necessitava de um tecido de base para ser executado, foi o marco histórico do início da renda de agulhas, segundo Nóbrega (2005). Ragusa e Veneza, cidades italianas, disputam a autoria da criação deste ponto muito relevante na história têxtil. Posteriormente, Veneza se consagrou como um grande centro produtor e difusor da técnica na Europa e o nome do ponto ficou conhecido como ponto de Veneza, *punto di Venezia* em italiano (NÓBREGA, 2005).

A técnica do ponto no ar criada pelos italianos chegou à França apoiada por Catarina de Médici, italiana que se tornou rainha da França após o casamento com Henrique II. O rei Luís XIV estimulou a renda de agulha e as cidades de Aleçon e Argentan se tornaram importantes polos de produção. Os franceses criaram o ponto da França, ou *point de France*, que era mais fino e orgânico, com formas rebuscadas e arabescos. Por sua vez, a renda italiana apresentava padrões mais geométricos.

A Itália criou o *punto di rosa* ou *punto di Burano*, sendo a cidade de Burano o maior centro produtor, para continuar como centro difusor da técnica. Contudo, o ponto da França se espalhou por toda Europa e era produzido em outros países, tornando a França hegemônica em matéria de artesanato têxtil (NÓBREGA, 2005).

A renda de renascença, como é chamada no Brasil, chegou e se desenvolveu em Pernambuco, através da forte influência das freiras que, nos conventos e colégios internos, ensinavam este tipo de trabalho às alunas.

A entrada da renda renascença no Brasil se deu pelos ambientes conventuais, onde a produção artesanal era ensinada por freiras francesas às estudantes laicas e noviças, e os resultados destinava-se a comercialização. Segundo história que consta entre as rendeiras, a Renascença chegou a Poção nos anos de 1930, trazida por uma dessas estudantes, a jovem Maria Pastora, que trazia encomendas para tecer durante visita à mãe convalescente (FRANCO, 2016, p. 29).

No Brasil, a renda toda feita à mão encontra berço nas cidades do Sertão nordestino, especialmente na cidade de Poção, localizada no Agreste, a 244 Km² da capital pernambucana, Recife, por volta da década de 1930. Nessa época, Poção não era um município emancipado, era distrito de Pesqueira, por isso, ambas as cidades se consideram berço da renda renascença. Atualmente, o município é um dos maiores produtores de renda renascença do país.

A renda renascença foi ensinada por Maria Pastora para Elza Medeiros, conhecida na cidade como Lala, porque Maria Pastora trazia consigo encomendas para que, quando retornasse para a Itália, pudesse entregá-las. Maria Pastora com receio de não conseguir entregar a tempo, ensinou em segredo à Lala.

(...) temendo não ter tempo para concluir as encomendas que custeavam seus estudos, procurou o auxílio de Elza Medeiros, conhecida por todos como Lala, que teria se comprometido em ajudá-la e a manter o segredo (FRANCO, 2016, p. 3).

A renda ensinada por Maria Pastora ficou conhecida como renda renascença no Brasil. Lala viu a renda renascença como uma oportunidade de negócio para as famílias do Agreste Central pernambucano e do Cariri Paraibano, foi quando abandonou a discrição, compartilhando o conhecimento.

O conhecimento é transmitido oralmente e pela prática. O patrimônio e a herança da Renascença estão nas memórias das mulheres, dos pontos aos desenhos, dos insumos aos produtos. Ainda hoje, pode-se ver nas cidades de Poção e Pesqueira que a prática é ensinada de mãe para filhos, sentados nas calçadas, difundindo a cultura e, ainda, ensinando um meio de sobrevivência alternativa, já que a maioria das rendeiras são donas de casas ou mulheres que trabalham em outras atividades durante o dia e fazem a renda renascença nas horas vagas.

A renda renascença como arte e cultura fortalece ainda mais a sua visão como atividade econômica e identidade local de um povo.

O que me espanta é que em nossa sociedade a arte só tenha relação com os objetos e não com os indivíduos ou com a vida; e também que a arte seja um domínio especializado, o domínio dos especialistas que são os artistas. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que um quadro ou uma casa são objetos artísticos, mas não a nossa vida? (FOCAULT, apud ALMEIDA, 1984, p. 331).

A renda renascença é feita com agulha e surge pela união de fitas, as quais são denominadas de lacê. A princípio, faz-se o desenho no papel vegetal, o qual guiará os pontos que serão feitos. Por ser um material de espessura fina, o papel, que é chamado de risco, deve ser fixado em outro papel que tenha uma gramatura maior para que o desenho seja realizado.

FIGURA 1: ARTISTA DESENHANDO O RISCO DA RENDA RENASCENÇA.



FONTE: Autora da pesquisa (2018).

Após a união dos papéis, o mais fino e o mais encorpado, pesponta-se o lacê, o qual definirá quais serão os espaços a serem preenchidos pelos pontos da renda e ainda o contorno principal. Com alfinetes e broches prendem-se os papéis já pespontados com o lacê em uma almofadinha da rendeira, normalmente em formato cilíndrico.

FIGURA 2: RISCO FINALIZADO.



FONTE: Autora da pesquisa (2018).

A almofada deve ser bastante firme para que se inicie a elaboração e vai funcionar como se fosse o bastidor das bordadeiras.

FIGURA 3: GRAVURA DE JEAN-BAPTISTE DEBRET, REPRESENTANDO A ELABORAÇÃO DE RENDA POR PESSOAS ESCRAVIZADAS NO BRASIL IMPERIAL.



FONTE: Uma Senhora Brasileira em seu lar. Jean-Baptiste Debret, 1823. Disponível em: <http://idd.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2016/05/IDD_escravidao25-ok.jpg>. Acesso em: jul. 2021.

Na gravura de Debret é possível observar o uso de almofadas para bordar, de maneira semelhante às que são utilizadas atualmente.

FIGURA 4: RENDA SENDO ALINHAVADA EM ALMOFADA.



FONTE: Autora da pesquisa (2018).

A almofada mantém o trabalho firme e mais estável, reduzindo o encolhimento no final do processo. A renda renascença surge quando a linha preenche os espaços existentes entre as fitas, devendo ser feitos de acordo com os pontos prescritos no desenho guia.

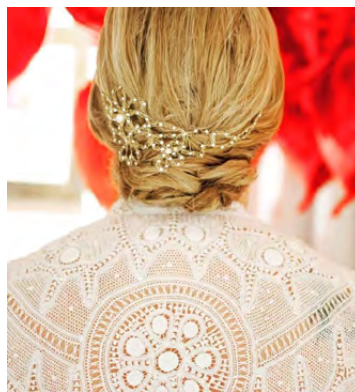
FIGURA 5: DESENHO DA RENDA RENASCENÇA.



FONTE: Autora da pesquisa (2018).

Por ser um encontro de linhas presas no lacê, a renda renascença fica solta no papel, tornando-se o próprio tecido. Após unir todas as fitas, o lacê pelas linhas, a rendeira solta os pespontos do papel.

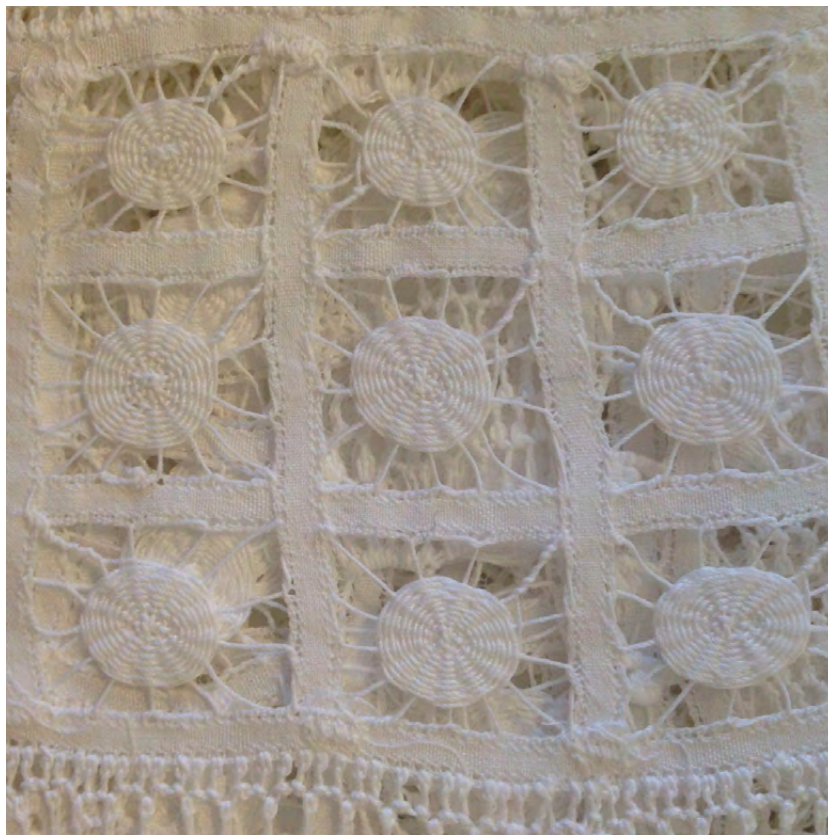
FIGURA 6: PEÇA PRONTA.



FONTE: Autora da pesquisa (2018).

A renda tem diferentes níveis de dificuldade, com pontos básicos na formação inicial, necessários à execução de uma peça de renda, e pontos mais complexos de conhecimento de poucas rendeiras, que executam peças de rendas mais elaboradas, com recursos estéticos e ornamentais diversos. Quando a renda renascença chegou a Poção, não havia muitos pontos, mas a variedade surgiu pela necessidade de fazer estilos diferentes, pelo conhecimento de outras técnicas e principalmente pela prática. Os nomes dados aos pontos refletem imagens da natureza, como o ponto aranha, abaixo.

FIGURA 7: PONTO ARANHA



FONTE: Autora da pesquisa (2018).

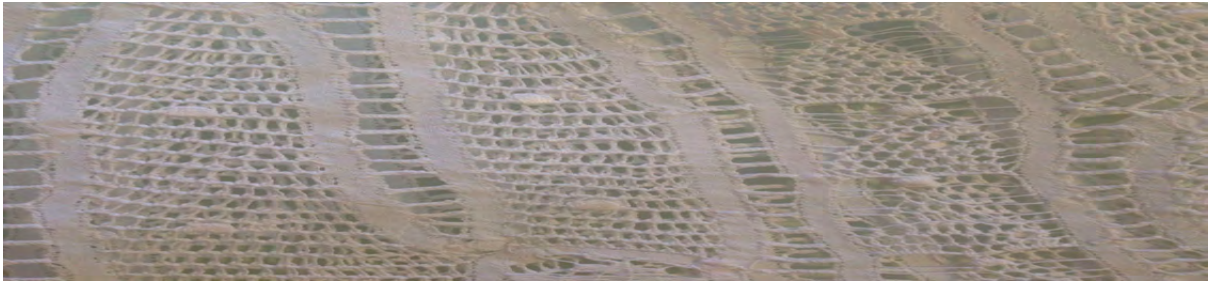
Os pontos podem representar, ainda, sentimentos, alimentos da região, figuras geométricas ou algo que reflita o cotidiano das rendeiras. Dentre eles podemos citar o abacaxi, torre, traça, pipoca, cocada, xerém, laço, sianinha, dois amarrados, malha, amor seguro, olho de pombo, entre outros.

Em relação aos pontos, Franco (2016, p. 17) pontua que

Daqueles quatro ou cinco pontos aprendidos nos anos de 1930, dos mais simples foram-se criando muitos outros, entre registros puros e combinados. Hoje, são aproximadamente uma centena, mas tudo começa, assim como na vida, com dois amarrados (FRANCO, 2016, p. 17).

O ponto "dois amarrados" é considerado o mais simples e a base da renascença.

FIGURA 8: PONTO DOIS AMARRADOS



FONTE: Autora da pesquisa (2018).

A rendeira pode utilizar quaisquer pontos para desenvolver as peças que tem em mente, bem como, pode mesclar pontos harmoniosamente.

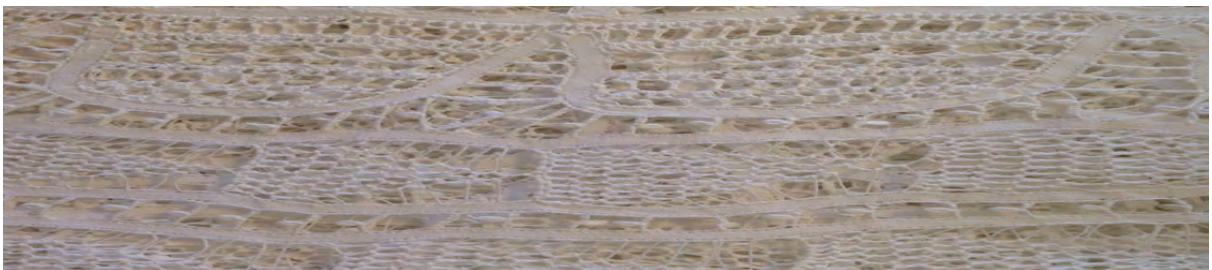
FIGURA 9: PONTO TORRE



FONTE: Autora da pesquisa (2018).

O ponto torre é um dos maiores e é composto por uma base mais larga e um topo menor. Já os pontos richelieu são os palitos e a malha é a bolinha no centro do palito, o que faz este par de pontos ser conhecido como richelieu com malha.

FIGURA 10: PONTO MALHA



FONTE: Autora da pesquisa (2018).

A variedade de pontos possibilita a liberdade de criatividade das rendeiras no momento de criação das peças de renda renascença, que pode ser branca, bege e colorida, e os insumos, lacê e linha, coloridos. Após a peça branca estar pronta, pode-se, também, tingi-la de forma artesanal. Com isso, as opções para criação se tornaram ainda mais atrativas, chamando atenção de diversos estilistas do Brasil e exterior.

Ensino-aprendizagem da renda renascença e inclusão socioeconômica

A renda renascença é uma arte e um trabalho passados de geração a geração e promove visibilidade, reconhecimento e renda para as artesãs. A técnica de confecção da renda Renascença chegou a Poção, município de Pernambuco, na década de 1930, através de Maria Pastora vinda do Convento de Santa Tereza, em Olinda-PE. Ela ensinou a uma amiga de Poção, Elza Medeiros, conhecida como Lala, o que aprendeu com as freiras francesas do convento. Lala ensinou a técnica a algumas amigas, formando o primeiro grupo produtivo da região, composto por 8 mulheres: Lala, Odete Primo, Edite, Maria Lola, Zezé, Lourdes, Menininha Duarte e Leonor.

Segundo dados do IBGE (2010), a maioria da população do município de Poção sobrevive da renda renascença que produz, gerando emprego não só para quem faz a renda, mas para toda a cadeia produtiva que a renda renascença trouxe junto com ela. Poção, Pesqueira e cidades vizinhas, localizadas no agreste e no sertão pernambucano, são áreas histórico-geograficamente sujeitas a rigorosas e duradouras secas, dificultando a agricultura e a pecuária na região. Por isso, a renda assume importante papel socioeconômico para as referidas cidades.

De acordo com dados do IBGE (2010), o Produto Interno Bruto (PIB) de Poção está dividido da seguinte maneira: os serviços correspondem a 21.655, enquanto a Indústria é responsável por 2.426 e a Agropecuária 5.110 (em Pernambuco são: 31.227.506; 9.489.597 e 2.201.204; Brasil: 1.197.774.001; 539.315.998 e 105.163.000, respectivamente). Assim, os Serviços são a maior fonte de PIB de Poção, isso porque a renda renascença além de ser feita por mulheres, durante a rigorosa seca, muitos homens, os sertanejos, também fazem o ofício da renascença como meio de renda para garantir o sustento da família. Logo, pode-se afirmar que a renda é uma tradição transformada em importante política de inclusão produtiva e socioeconômica.

O ofício da Renascença tem se fortalecido enquanto arte e atividade econômica graças a um conjunto de iniciativas, apoios e parcerias de instituições governamentais e organizações da sociedade civil. Não se pode deixar de ressaltar a grande cadeia produtiva que a renascença trouxe consigo, porque, além de a rendeira produzir rendas para vender, existe a comercialização de insumos, a venda de matéria-prima, a venda de riscos e de ferramentas. Ademais, a rendeira pode vender a produção, a montagem, comercializar as peças para revendedores ou consumidores finais e, ainda, ensinar a prática.

As rendeiras fazem a renda renascença nas suas casas, o que facilita o horário de trabalho e, assim, conseguem trabalhar em outras funções e em horários vagos, fazendo a renda renascença para garantir um dinheiro "extra" para as famílias. "A atividade da rendeira,

assim como outras atividades manuais, é constituída no âmbito doméstico e predominantemente por mulheres" (ZANELLA, BALBINOT, PEREIRA, 2000, p. 238). Segundo Albuquerque e Menezes (2007), as mulheres que sabem fazer a renda renascença têm mais prestígio em relação às agricultoras e donas-de-casa.

O ofício de rendeira é mais comum nas cidades da zona rural e faz parte do processo de socialização das crianças, ensinadas pelas mães. Aprender a fazer renda cedo é uma forma de fugir dos pesados trabalhos da roça, dos engenhos e das fazendas canavieiras. É uma atividade executada também por homens, sobretudo na infância. Para muitas famílias, a atividade da rendeira é a principal fonte de renda da residência, em outras é considerada complementar à renda gerada pelo homem. Elas podem trabalhar de forma autônoma ou unidas a grupos produtivos, associações ou cooperativas. A vantagem de se unir a empresas é que o serviço feito é sempre um serviço garantido, pois as empresas encomendam o que já está sendo vendido.

No passado, as rendeiras eram iniciadas pela aprendizagem informal. Atualmente, além da tradição oral de ensino, as formações também são através de cursos ministrados por rendeiras experientes e contratadas por órgãos e entidades para repassar o saber. Há muitas mulheres que dominam a técnica da renda, mas não a executam porque desempenham outras atividades com ganhos maiores e fixos ou estão desencantadas com as crises que marcam a história da renda (IPHAN, 2014, p. 74).

A iniciativa de Lala foi fundamental para a economia local e a inclusão social, especialmente das mulheres. A referida rendeira viu na renda renascença a oportunidade para as famílias do Agreste Central Pernambucano terem uma fonte de renda para garantir a sua sobrevivência. Sua atitude reforçou o papel da mulher no desenvolvimento rural sustentável, alicerçado na abordagem histórico-cultural e econômica da produção da renascença.

Passaram-se mais de oitenta anos desde os ensinamentos de Lala e, ainda assim, as rendeiras se mantêm fortes na tradição. Naquele período, a renda renascença era mais voltada para os artigos de casa, hoje vem sendo valorizada e redesenhada por vários estilistas produzindo *house wear*, *moda* infantil, decoração, moda casual, vestidos de festa e vestidos de noiva.

Vista como artigo de luxo e por ser um produto oneroso, a renda renascença se reinventou e, para se manter no mercado, as rendeiras começaram a produzir peças em que houvesse a mistura de outro tecido, como por exemplo, o linho e a cambraia para que a peça não ficasse tão onerosa e mais pessoas pudessem adquiri-la. A mistura da renda renascença e outros tecidos consegue diminuir a quantidade de renda na peça, conseqüentemente, diminuindo o tempo para a produção de uma única peça. Dessa forma, as rendeiras conseguem fazer mais peças e gerar mais renda.

A renda renascença além de ser uma arte, também garante o sustento de inúmeras famílias na região, sendo passada de mãe para filhos não apenas como cultura e arte, mas também como mais um meio de gerar renda. Ela tem fortalecido a identidade cultural da mulher e da região, contribuído para o crescimento, empoderamento e organização dos grupos, bem como o fortalecimento da economia e a inclusão social da mulher, através de uma oportunidade de trabalho, senso de comunidade e autonomia financeira.

O efeito dessa experiência é o empoderamento das rendeiras, a elevação da autoestima, a aquisição de um capital simbólico diferenciado, o trabalho em equipe, a participação ativa, a auto aceitação, o pertencimento, representatividade em seu lugar social nos grupos, isto é, a inclusão social que tem um impacto positivo em toda a sua vida. Ressalta-se que muitas famílias construíram sua vida e criaram seus filhos com a Renda Renascença.

As redes de sua iniciação na renda são marcadas por relações de parentesco, ou seja, familiares com mães, avós, tias, irmãs, primas; de vizinhas e amigas; de iniciação autodidata e de iniciação institucional através de cursos regulares promovidos por entidades públicas ou particulares de apoio ao artesanato. As relações de parentesco e vizinhança são os suportes mais fortes no ensino-aprendizagem. A família tem o papel de estimular o interesse das crianças para o trabalho e de incentivá-las à aprendizagem, além do próprio processo de produção e de comercialização.

O ensino-aprendizagem da renda é uma representação da vida social em diferentes contextos. Nas relações parentesco-geracionais, as mães, que historicamente eram as principais iniciadoras das filhas, perderam espaço para as irmãs e primas que, geralmente, ensinam umas às outras. Ou seja, o ensino-aprendizagem também ocorre em uma mesma geração. Contrariando a máxima de que os saberes tradicionais fluem necessariamente das gerações mais velhas para as mais jovens, seguindo uma linha de iniciação que passa pela avó, mãe, filha e neta, algumas mulheres aprenderam a rendar com suas filhas. Tal observação confirma o pressuposto de Mead (1970), sobre as culturas co-figurativas nas quais os jovens também podem aprender com outros jovens uma arte tradicional.

As filhas são levadas pelas próprias mães para aprender a arte rendeira com as mestras. A execução de uma peça, especialmente aquelas grandes, pode se transformar em ocasião de aprendizagem, pois ensinar e aprender a fazer renda são de base oral e, ao longo da produção, as conversas, a imitação, a motivação, entre outros aspectos, desenvolvem-se, naturalmente, nas atividades cotidianas das rendeiras. As mestras mais prestigiadas são, em geral, mulheres mais idosas, experientes, reconhecidas como rendeiras detentoras dos segredos especiais da técnica e da arte de rendar. Elas coordenam o trabalho, supervisionam a execução, instruindo as rendeiras sobre a tensão, local e variação de pontos, mostrando erros, entre outros. Assim, transfere os conhecimentos, processo dialógico entre quem ensina e quem aprende.

O ensino da renda através de cursos formais é promovido por entidades públicas e privadas, ministrados por rendeiras mais experientes, seguindo a metodologia que rege a transmissão informal do saber, sem textos escritos, com demonstrações do fazer e explicações orais. As alunas são parentes e vizinhas de rendeiras, que incentivam as jovens a frequentarem os cursos, o que mostra que mesmo quando se tenta institucionalizar a iniciação, as redes tradicionais de transmissão do saber mostram sua força e influência.

Com a valorização nacional e, especialmente, internacional da renda, ela transformou-se em um produto com uma carga simbólica positiva capaz de mobilizar as jovens para o seu aprendizado. E, com o aumento das demandas da renda e sua inclusão em circuitos comerciais de produção, as rendeiras de organizam de forma a partilhar a execução de peças grandes com outras artesãs, gerando redes com destaque para quem distribui encomendas,

a intermediária, subdividindo o trabalho com outras rendeiras, criando uma rede de mulheres que vendem sua força de trabalho. As relações pessoais, centradas em torno das rendeiras que dão costura, estruturam as redes de produção mais amplas, nas quais se engajam as artesãs que vendem sua força de trabalho.

Para Leite (2003, p. 41), "o auto-dilema do artesanato, cujo debate permanece aberto, é não se constituir meramente em produtos, mas em processos que se inserem reflexivamente no contexto de sua produção e se refletem nos modos de vida de quem os produz". Esse pressuposto contribui para enfrentar os conflitos sociais, econômicos, sustentáveis e culturais dessa prática artesanal e orienta para reflexão sobre formas de divulgação e promoção, compreendendo as múltiplas dimensões desse bem de valor cultural.

Considerações finais

O presente artigo buscou apresentar a renda renasença como arte, cultura e economia. Ela é uma forma de resistência que promove a autonomia através da criação de uma vida profissional e o empoderamento da mulher enquanto artesã e sujeito político. Isso se deve, em parte, à organização em associações e cooperativas, pois, além de trazer aperfeiçoamento e profissionalização, as organizações e associações dão um poder coletivo e dão voz às mulheres.

A renda renasença ensinada em Poção-PE alcançou dimensões, além de trazer arte, a renda trouxe consigo uma importante forma de gerar renda, principalmente em períodos de longas estiagens e secas, quando a única forma de sustento vem da renda renasença. As redes de iniciação de rendeiras na arte são familiares, compostas por mãe, avós, tias, irmãs, primas e cunhadas; grupos de vizinhanças e de amizade; iniciação autodidata; e iniciação institucional através de cursos regulares promovidos por entidades públicas ou particulares de apoio ao artesanato. Parentesco e vizinhança ainda hoje são os suportes mais fortes na relação ensinar-aprender.

Por isso, ao adquirir algum produto da renda renasença, além de o consumidor possuir uma peça única e exclusiva, ele ajuda a cadeia produtiva que só a renda renasença gera, ou seja, ele ajuda a renda a gerar renda, pois ela se tornou responsável pela ascensão social de muitas mulheres, que abandonaram o árduo trabalho nas roças e, fazendo rendas sustentam suas famílias e pagam seus estudos nas instituições de ensino superior que algumas frequentam cursos de graduação ou de especialização, financiando os estudos com o dinheiro gerado pela renda renasença. Algumas dessas mulheres se tornam professoras e assumem o papel de coordenadoras de redes de produção da renda, bem como agentes difusoras e defensoras da prática simbólica e cultural das rendeiras, além de combatentes da marginalização socioeconômica delas.

Passos fundamentais devem ser dados para mudar o quadro de marginalização social e econômica das pessoas do sertão e agreste pernambucanos, como: incentivo ao aprendizado e perpetuação da renda renasença; reivindicação da renda como processo patrimonial; reivindicação de propriedade intelectual, políticas públicas de legitimação e reconhecimento da tradição da renda renasença para o desenvolvimento socioeconômico; maiores verbas

para programas sociais; investimento em aperfeiçoamento e gestão; discussão com rendeiras sobre associativismo; uso da mídia para divulgação dos produtos, políticas públicas de fomento e apoio ao artesanato, e na descoberta de nichos de venda da renda entre outros. Tais ações contribuem para a afirmação de identidade e garantia de remuneração pela produção de renda renascença direto com o consumidor, sem intermédio dos atravessadores

O fomento ao potencial econômico relacionado ao turismo rendeiro deve ser reforçado, incentivando o reconhecimento aos saberes tradicionais e à remuneração justa pelo trabalho, considerando condições de produção, grau de complexidade e valores monetários, intelectuais e simbólicos das rendeiras.

Assim, a formação do designer de moda precisa de subsídios que fortaleçam a sua trajetória profissional pautada na prática sustentável. Cabe às instituições de ensino superior proporcionar espaços para que os alunos e rendeiras sejam capazes de valorizar seus saberes e sua arte de forma a transformar os conhecimentos em cidadania, ética e moralmente.

Vale ressaltar que consolidar a identidade cultural de uma arte secular, a renascença, fortalece a integração social e as políticas públicas em prol dos processos de organização e gestão social e inclusão produtiva e comercial das rendeiras. Reconhecer o papel da renda renascença como geradora de renda e o papel da mulher como promotora desse processo é reconhecer a identidade cultural e promover o fortalecimento identitário dos sujeitos sociais locais para a superação da pobreza. O grande desafio é inserir cada vez mais a renda no mercado, mantendo-a como patrimônio cultural e simbólico.

Referências

ALBUQUERQUE, Else de F.; MENEZES, Marilda. O valor material e simbólico da renda renascentista. **Revista de Estudos feministas** [online]. 2007, vol.15, n.2, pp. 461- 467. ISSN 0104-026X. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n2/a13v15n2.pdf> . Acesso em 10 out. 2016.

ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis; CASTRO, Gustavo de. **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1984.

BRIEUVRE, M. **A renda**: história da renda em diversas épocas e diferentes países. Rio de Janeiro: H. Garnier, [190-].

CATELLANI, Regina Maria. **Moda ilustrada de A a Z**. Barueri: Manoele. 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 1999.

FRANCO, Tereza. **Renascença – PE**. Catálogo. Cel Editorial. 2016.

GIRÃO, V.C. **Renda de bilros**. Fortaleza: Edições UFC, 1984.

IBGE.2010.Disponível em:<http://cidades.ibge.gov.br/painel/economia.php?codmun=261120> . Acesso em: 23 set 2016.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Modo de fazer renda Irlandesa, tendo como referência o ofício em Divina Pastora**. Brasília: Iphan, 2014. 168p. (Dossiê Iphan; 13).

_____. **Bens registrados**: modo de fazer renda irlandesa, tendo como referência este ofício em Divina Pastora/SE [online]. Disponível no link: <http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/conAcoesApoiFomentoE.jsf#> . Acesso em 29 jul. 2021.

JACKSON, F. N. **A history of a hand-made lace**: dealing with the origin of lace, the growth of the great lace centres, the mode of manufacture, the methods of distinguishing and the care of various kinds of lace (1900). London: L. U. Gill; New York: C. Scribner's Sons, 1861.

LEITE, Rogério Proença. Modos de vida e produção artesanal: entre preservar e consumir. In: Olhares itinerantes: reflexões sobre o artesanato e consumo da tradição. **Cadernos Artesol 1**. São Paulo: Central Artesol, 2003.

MEAD, Margaret. **O conflito de gerações**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

NERY, Salete. O Comércio do Autêntico: produção, circulação e consumo de bens artesanais no contexto capitalista da atulaidade. In: **Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, 33, 2009, Caxambu, MG. Anais. Caxambu: ANPOCS, 2009.

NÓBREGA, C. **Renda renascença**: Uma memória de ofício paraibana. João Pessoa: SEBRAE, 2005.

PALISSER, B. **A history of lace**. London: Sampson, Low, Son, and Marston, 1869.

PRESTES, Fernanda. **Exclusividade e a moda**. 2010. Disponível em: <https://rpnamoda.wordpress.com/2010/11/02/exclusividade-e-a-moda/>. Acesso em: 14 set 2019.

QUEIROGA, L. **Lagarta Richelieu**. Recife: Lenice Queiroga de Sousa, 2013.

RAMOS, L.; RAMOS, A. **A renda de bilros e sua aculturação no Brasil**: nota preliminar e roteiro de pesquisa. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, 1948.

SILVA, V.L.F **Acervo de rendas Lucy Niemeyer**: uma contribuição para o design. 2013. 173 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda**: planejamento de coleção. 4 ed. Brusque: D. Treptow, 2007.

WATT, Melinda. Textile Production in Europe: Printed, 1600–1800. In **Heilbrunn Timeline of Art History**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000–. Disponível em: http://www.metmuseum.org/toah/hd/txt_p/hd_txt_p.htm . (October 2003). Acesso em 10 out 2016.

ZANELLA, Andrea Vieira; BALBINOT, Gabriela; PEREIRA, Renata Susan. A renda que enreda: analisando o processo de constituir-se rendeira. **Revista Educação e Sociedade** [online]. 2000, vol. 21, n.71, p. 235 - 252. ISSN 0101-7330. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a11v2171.pdf> . Acesso em 21 out. 2018.

Agradecimentos

Revisora do texto: Noadia Íris da Silva, Doutora em Letras/Linguística.